

PSICOLINGUÍSTICA DO BILINGUISTMO

Ingrid Finger*

INTRODUÇÃO

Todos os indivíduos têm potencial para adquirir e usar a língua ou as línguas a que são expostos desde a infância. Mas muitos são também capazes de se comunicar em mais de um idioma. Atualmente, o número de pessoas que usam mais de uma língua em sua vida diária ultrapassa o número daqueles que são capazes de se comunicar somente em um idioma, sendo que a maior parte das línguas adicionais que dominamos são aprendidas na vida adulta, após a língua materna ter sido adquirida. Essa constatação tem levado, nas últimas três décadas, a um aumento considerável no interesse, tanto no meio acadêmico como na mídia, por temas relacionados ao bilinguismo adulto e infantil.

Nas pesquisas envolvendo populações bilíngues, mais especificamente, uma das áreas de pesquisa que muito tem se ampliado é a chamada Psicolinguística do Bilinguismo. Nesse contexto, o presente capítulo tem como objetivo fazer uma breve apresentação dessa crescente área de pesquisa. Para isso, iniciaremos com uma apresentação da área conhecida como Psicolinguística e, a seguir, discutiremos o conceito de Bilinguismo, contrastando-o com as áreas de pesquisa denominadas na literatura de Multilinguismo e de Aquisição de Segunda Língua. A seguir, apresentaremos a concepção atual de bilinguismo. Por fim, nas seções finais, abordaremos as linhas de investigação bem como os métodos experimentais empregados na pesquisa realizada sob o escopo da Psicolinguística do Bilinguismo.

* Professora do Departamento de Línguas Modernas do Instituto de Letras da UFRGS. Professora de Linguística do PPG-Letras da UFRGS.

1 O QUE ESTUDA A PSICOLINGUÍSTICA

A Psicolinguística é o campo de pesquisa que investiga os fatores psicológicos ou neurobiológicos que tornam o ser humano capaz de adquirir, compreender e usar a linguagem. Em outras palavras, a Psicolinguística investiga a forma como as línguas são adquiridas e de que modo a comunicação através de uma língua oral ou de sinais é produzida e compreendida pelos indivíduos. Os psicolinguistas estão interessados em compreender o que as pessoas são capazes de fazer com as línguas, como elas aprendem, de que modo usam as línguas que dominam e quais processos, mecanismos e procedimentos subjazem a aquisição e uso da linguagem. Para isso, usam técnicas e procedimentos de pesquisas originados principalmente na Psicologia Cognitiva, com rigoroso controle metodológico. A Psicolinguística possui natureza interdisciplinar, sendo estudada por pesquisadores de vários campos, tais como Linguística, Psicologia, Ciências Cognitivas, Neurociências e Informática.

O uso da linguagem na interação com outros falantes ocorra com aparente facilidade e rapidez e de forma automática no nosso dia-a-dia. Mas esse uso envolve um sofisticado processamento cognitivo e esse é justamente o escopo dos estudos na Psicolinguística. Em outras palavras, os psicolinguistas concebem a linguagem como uma espécie de janela para a cognição. Nesse sentido, a investigação psicolinguística reside na busca de uma maior compreensão sobre como ocorre o processamento da linguagem na mente/cérebro dos seus usuários, ou seja, sobre quais são os processos cognitivos envolvidos no uso cotidiano da linguagem.

Os estudos psicolinguísticos investigam como ocorrem os processos de compreensão – ou recepção – e de produção da linguagem, tanto na língua falada ou sinalizada como na língua escrita. Mas os processos de compreensão e de produção da fala são governados por processos cognitivos superiores e de domínio mais geral, como a atenção, a memória de trabalho, os sistemas de memória declarativa e procedimental, o controle cognitivo, dentre outros. Mais recentemente, principalmente na área do bilinguismo,

esses processos cognitivos de domínio mais geral, não exclusivos ao processamento da linguagem, também vêm sendo cada vez mais investigados nos estudos psicolinguísticos, justamente devido ao papel primordial que tais mecanismos cognitivos exercem no processamento da linguagem. Nesse sentido, seu escopo é amplo, pois a Psicolinguística investiga em que medida os processos de compreensão e produção da linguagem que caracterizam a comunicação humana sofrem influência de mecanismos gerais responsáveis pelo processamento cognitivo.

Finalmente, é importante salientar que, nos estudos psicolinguísticos, o processamento de uma ou mais línguas é concebido como uma atividade cognitiva e não são abordadas as dimensões social e intencional das atividades que envolvem a linguagem humana, como por exemplo do fato de que os falantes usam as suas línguas para atingir determinados objetivos no mundo ou de que usam um tipo peculiar de linguagem dependendo do grupo de pessoas com quem estão interagindo.

2 AQUISIÇÃO DE SEGUNDA LÍNGUA, BILINGUISMO E MULTILINGUISMO

Aquisição de Segunda Língua e Bilinguismo são às vezes vistos como disciplinas distintas e outras vezes como sinônimos, ou como campos de pesquisa que se sobrepõem (Ortega, 2009). Por um lado, os estudos na Aquisição de Segunda Língua dão ênfase aos estágios pelos quais o aprendiz – normalmente adulto – transita no decorrer do desenvolvimento da língua adicional, bem como à variedade de fenômenos que interferem e determinam o sucesso dessa aprendizagem em variados contextos, como os efeitos da idade, as influências interlinguísticas, o papel do ambiente linguístico e do contexto social, as diferenças individuais entre aprendizes, etc. Como um campo de pesquisa, o Bilinguismo, por outro lado, tende a focar no produto que resulta da experiência bilíngue, ou seja, o que caracteriza o conhecimento e uso da linguagem em quem domina mais de uma língua, tanto no caso de crianças como de adultos. Os estudos de Bilinguismo analisam como as duas línguas do bilíngue são representadas no cére-

bro e interação entre si, e de que forma os falantes bilíngues são capazes de alternar entre suas línguas dependendo de necessidades específicas ou de intenções comunicativas. Tanto no caso da Aquisição de Segunda Língua como no Bilinguismo, a aquisição e o uso podem ser estudados a partir de perspectivas psicolinguísticas, sociolinguísticas e educacionais.

Os termos bilíngues e multilíngues são empregados para descrever indivíduos que são capazes de se comunicar em duas ou mais de duas línguas, respectivamente. Bilinguismo e multilinguismo não são, obviamente, sinônimos e vários estudos diferenciam o processamento da linguagem em grupos de bilíngues e de multilíngues (ver Cenoz; Jessner, 2000; Herdina; Jessner, 2002; Cenoz, 2003; dentre outros). Entre as principais diferenças entre os processos de aquisição de uma terceira ou uma quarta língua, em comparação com a aquisição de uma segunda língua estão a maior diversidade temporal e o maior nível de experiência linguística anterior, que pode servir como conhecimento base para uma nova língua.

3 DEFININDO BILINGUISTO

O termo *bilinguismo* também carece de uma definição mais precisa, já que seu significado depende, em larga medida, do contexto em que a expressão aparece. Bilinguismo pode ser usado para descrever conhecimento e uso de duas línguas por um mesmo indivíduo, contextos sociais em que duas línguas são usadas diariamente por um grupo de pessoas, escolas em que os conteúdos são ministrados em duas línguas (currículo bilíngue), etc. O que parece ser consenso entre os pesquisadores do bilinguismo é que os bilíngues trazem consigo um tipo de conhecimento e uso da linguagem que muito se distingue do conhecimento e uso da linguagem que caracterizam os falantes monolíngues. Por mais difícil que seja quantificar uma experiência de vida como o bilinguismo, é essencial que sempre se leve em consideração nas pesquisas o tipo de experiência linguística dos informantes. Por essa razão, ressalta-se aqui a necessidade de identificarmos de forma mais clara o que caracteriza o falante bilíngue, a fim de que

os dados obtidos em experimentos envolvendo esse tipo de participante possam fazer mais sentido.

Por muitos anos, os bilíngues foram vistos como a junção de dois monolíngues em uma só pessoa (na chamada Hipótese do Duplo Monolíngue, proposta por Saer, 1922). Poucos anos mais tarde, Bloomfield (1933) segue na mesma linha ao afirmar que os bilíngues possuem “controle nativo de duas línguas” (p. 56). Segundo a lógica dessa concepção, os bilíngues devem, nas suas duas línguas, demonstrar conhecimento e desempenho equivalentes em comparação aos falantes monolíngues de cada uma de suas línguas.

Grosjean (1985, 1997, 1998) se opõe fortemente à essa visão monolíngue do bilinguismo, chamando a atenção para o fato de que os bilíngues adquirem suas línguas em várias etapas da vida, e usam cada uma delas para atingir diferentes objetivos, em contextos distintos e na convivência com interlocutores diferentes. Para o autor, diferentes aspectos da vida do bilíngue exigem o emprego de línguas diferentes, característica que ele denomina de Princípio da Complementariedade.

De acordo com Grosjean (2013), o Princípio da Complementariedade dá conta da função que cada uma das línguas do bilíngue desempenha em sua vida. Por exemplo, a preferência por uma determinada língua no desempenho de funções internas ligadas à afetividade, como xingar, rezar, fazer contas de cabeça e contar piadas, por exemplo, dá pistas de qual a língua de preferência do bilíngue, que normalmente é a sua língua dominante (Mackey, 2000). Além da função, o Princípio da Complementariedade também se refere aos domínios de uso de uma língua, que se caracterizam pelas possibilidades de uso existentes na comunidade na qual o indivíduo está inserido.

A expressão *domínio de uso* foi empregada pela primeira vez por Joshua Fishman (1972) para descrever de que modo os falantes organizam o uso das suas línguas em contextos específicos e na medida em que esses contextos comunicativos determinam a variedade e o estilo das línguas usadas. Fishman (1972) cita a família, as amizades, a religião, a educação e o

trabalho como sendo os principais domínios de uso. Ainda no que se refere aos domínios de uso, Hamers e Blanc (2000) lembram, ainda, que o status de cada língua na comunidade na qual o bilíngue está inserido também exercerá um papel importante na proficiência do sujeito bilíngue.

Grosjean (1998) defende que o estado de ativação e de processamento das línguas do bilíngue podem se deslocar ao longo de um contínuo – *the language mode continuum* –, que vai do modo monolíngue ao modo bilíngue, passando por vários estágios intermediários de ativação e de processamento das línguas. Segundo o autor, em sua vida diária e de forma muito rápida, o bilíngue se desloca de um lugar a outro ao longo do contínuo, dependendo da situação em que se encontram, do tópico da conversa, de quem são os interlocutores.

Baker (2006) ressalta que não é possível identificar um indivíduo bilíngue considerando apenas a quantidade de fala (ou de sinalização, no caso de línguas de sinais) que ele é capaz de produzir em cada uma das suas línguas, porque, muitas vezes, mesmo tendo capacidade de se expressar oralmente em duas línguas, a pessoa pode demonstrar preferência em se comunicar em uma delas apenas ou, mesmo sendo capaz de se comunicar nas duas línguas, pode apresentar conhecimento linguístico mais limitado em uma delas. Dependendo da experiência de vida, a pessoa pode ter maior fluência na fala em uma língua e na escrita em outra, ou até mesmo dominar mais determinados tópicos de conversa em uma língua do que na outra, fato que reforça a afirmação de Cook (2003) de que os bilíngues possuem um sistema linguístico de maior complexidade, em comparação aos monolíngues.

O nível de conhecimento de vocabulário normalmente também varia de língua para língua, sendo raro encontrar dois indivíduos que possuam conhecimento comparável de vocabulário nas suas duas línguas. Isso porque o grau de bilinguismo de um indivíduo é determinado, em larga medida, pela frequência de uso, bem como pelo tipo de prática que é dedicado a cada uma de suas línguas, considerando-se também o fato de que o nível de proficiência em cada uma das habilidades linguísticas (compreensão,

fala/sinalização, leitura e escrita) pode variar de língua para língua por ser influenciado pela experiência de uso.

Essas ideias deram origem ao que hoje se considera uma *concepção atual de bilinguismo*, segundo a qual a maioria dos bilíngues não possui igual proficiência e fluência nas duas línguas que domina. Como os bilíngues adquirem suas línguas em momentos diversos, com objetivos diferentes, e convivendo com pessoas distintas em contextos diferentes, seu conhecimento de vocabulário poderá ser diferente em cada uma de suas línguas. Além disso, muitas vezes o indivíduo pode ter sotaque em uma de suas línguas, pois a proficiência é resultado da quantidade e qualidade de exposição à cada uma das línguas do bilíngue. Nesse sentido, a proficiência do bilíngue pode inclusive modificar durante a vida, pois depende diretamente do uso que o indivíduo faz daquela língua.

No contexto dessa concepção atual de bilinguismo, não há espaço para usar a competência monolíngue como parâmetro, com o objetivo de avaliar o nível de conhecimento de cada uma das duas línguas do bilíngue. Os bilíngues possuem características únicas em termos de conhecimento e uso de linguagem que não estão presentes nos monolíngues, ao mesmo tempo em que é virtualmente impossível para um bilíngue se tornar monolíngue. Ortega (2009) defende que podemos prever (ou esperar) que cada vez mais os pesquisadores se voltem para métodos e desenhos experimentais que sejam capazes de investigar o bilinguismo de aprendizes que são expostos cedo ou tarde a uma nova língua sem considerá-los “réplicas deficientes ou desviantes de monolíngues” (p. 27).

Como vimos, a experiência bilíngue é altamente dinâmica. Nesse contexto, um desafio enorme para os pesquisadores passa a ser desenvolver tarefas e procedimentos de pesquisa que sejam sensíveis o suficiente para capturar as várias dimensões relevantes do bilinguismo, dada à enorme variação individual no que se refere à experiência bilíngue.

4 A PSICOLINGUÍSTICA DO BILINGUISMO: LINHAS DE INVESTIGAÇÃO

Na área da Psicolinguística, os estudos envolvendo participantes bilíngues são bastante recentes no Brasil. Nos Estados Unidos, no Canadá e na Europa, entretanto, o interesse pela compreensão de como indivíduos que dominam mais de uma língua, sejam eles bilíngues ou multilíngues, acessam e usam suas línguas nos mais variados contextos possui uma tradição bem mais consolidada.

Um dos fenômenos mais fascinantes a respeito da fala bilíngue é a facilidade com que eles são capazes de acessar itens lexicais de ambas as línguas, sem confusão ou interferência, alternando o emprego dessas línguas muitas vezes até na mesma frase, um fenômeno conhecido na literatura por *code-switching*. Na tentativa de esclarecer como isso é possível, Weinreich (1953) descreveu três modos de organização do conhecimento de palavras no léxico mental bilíngue, que ele denominou de coordenado, composto e subordinado, uma nomenclatura usada também para classificar os tipos possíveis de bilíngues. Para ele, os bilíngues coordenados são aqueles que mantêm os conceitos e as formas das palavras nas duas línguas separados na memória, sendo que cada palavra em cada uma das línguas possui seu próprio significado. No caso dos bilíngues compostos, a palavra na L1 e sua tradução na L2 partilham de um significado comum, ou seja, um mesmo conceito pode ser acessado através de duas palavras distintas, uma em cada língua. Finalmente, no caso do bilinguismo subordinado, as palavras na língua mais fraca seriam interpretadas a partir das palavras da língua mais forte, mais dominante. O bilinguismo subordinado, característico dos estágios iniciais da aprendizagem de uma L2, daria lugar ao bilinguismo coordenado à medida que os aprendizes ampliam sua proficiência. A possibilidade de que diferentes tipos de organização lexical coexistissem na memória de um falante bilíngue foi apontada brevemente por Weinreich, e é mais explicitamente retomada em estudos atuais que analisam a forma como a memória bilíngue se estrutura.

Nesse sentido, uma das mais impactantes descobertas nas pesquisas sobre Bilinguismo nas últimas três décadas refere-se ao fato de que infor-

mações das duas línguas do bilíngue parecem estar ativadas mesmo que o contexto comunicacional determine a exigência de uso de somente uma delas (língua alvo) (Colomé, 2001; Costa et al., 2000; Kroll et al., 2006), um fenômeno denominado na literatura por ativação simultânea/ paralela ou interação interlinguística. Essa competição, que ocorre no momento em que o falante acessa as palavras que estão armazenadas na sua memória bilíngue e são necessárias para compreender ou produzir linguagem obviamente faz com que a língua não alvo – ou seja, a língua que o falante não tem intenção de usar – interfira em alguma medida no desempenho na língua alvo, sendo que efeitos desse tipo de interferência são encontrados em estudos comportamentais, de neuroimagem e eletrofisiológicos (ver, por exemplo, Rodriguez-Fornells et al., 2005; Wu; Thierry, 2010). Essa interação interlinguística tem sido relatada em experimentos envolvendo o processamento da leitura, da percepção de sons e também na produção da fala, em crianças e adultos bilíngues, em todos os níveis de proficiência e com várias combinações de língua (ver Kroll; De Groot, 2005, para uma síntese de estudos).

Assim, as pesquisas na Psicolinguística do Bilinguismo investigam como ocorre o processamento linguístico bilíngue, examinando as consequências da interação interlinguística na seleção lexical quando o indivíduo possui duas ou mais línguas em seu repertório, tanto em tarefas de compreensão como de produção da linguagem, envolvendo o processamento de sons, de palavras, de frases e também do texto/discurso. Todos os aspectos da linguagem – fonética/fonologia, morfossintaxe, semântica e pragmática – são foco de investigação nas modalidades de língua oral, escrita e de sinais.

Além disso, a interação dos mecanismos de processamento linguístico com outros sistemas cognitivos mais gerais, como os sistemas de memória, o controle cognitivo e a atenção, a emoção e a consciência também tem sido cada vez mais foco de investigação, a partir do pressuposto de que, como afirmam Kroll e Bialystok (2013), a experiência bilíngue afeta de forma única a mente e o cérebro e acarreta consequências profundas para a linguagem e para a cognição. As autoras argumentam que “as mentes

bilíngues são diferentes não porque o bilinguismo cria vantagens ou desvantagens, mas porque os bilíngues recrutam recursos mentais de forma diferente dos monolíngues” (p. 02). Como o cérebro humano é plástico e se molda a partir da experiência, pode-se assumir que há mudanças no cérebro e no processamento cognitivo que são moldadas pela experiência que resulta de ser bilíngue.

5 A PSICOLINGUÍSTICA DO BILINGUISMO: MÉTODOS EXPERIMENTAIS

Os métodos experimentais típicos dos estudos atuais na Psicolinguística do Bilinguismo (na verdade, isso também se aplica à pesquisa na Psicolinguística) visam capturar os processos, mecanismos e procedimentos empregados pelos falantes de forma automática nas muitas formas de uso que fazem das línguas que eles dominam. O objetivo dos pesquisadores é sempre avaliar de que forma as pessoas acessam e usam as línguas nos mais variados contextos, tentando isolar os efeitos dos mecanismos de consciência, controle e atenção.

Os primeiros experimentos em laboratório sobre como se os bilíngues acessam e usam suas duas línguas foram realizados pelo psicólogo norte-americano James McKeen Cattell (25 de maio de 1860 – 20 de janeiro de 1944). Cattell é considerado o pesquisador americano que ajudou a consolidar a Psicologia como uma ciência legítima, sendo o primeiro professor de Psicologia nos Estados Unidos (Universidade da *Pennsylvania*). Suas pesquisas envolvendo participantes bilíngues foram realizadas nos anos em que fez seu doutorado e depois trabalhou como assistente no laboratório de Wilhem Wundt, na Universidade de Leipzig, Alemanha. Com o auxílio de um cronômetro de gravidade modificado, Cattell investigou quanto tempo bilíngues levavam para responder tarefas envolvendo estímulos que incluíam letras e palavras (1886a,b,c; 1887). Com a ajuda do cronômetro, Cattell foi capaz de medir o tempo de reação (TR) dos participantes, em milissegundos, na medida em que eles liam letras e palavras ou nomeavam palavras e gravuras.

No paradigma experimental da Psicolinguística, a lógica da medida de tempo de reação é a de que os falantes farão um menor uso de estratégias e de planejamento controlado se houver pressão para que realizem uma tarefa rapidamente. Mais do que uma medida de velocidade de desempenho, a medida de tempo de reação avalia o processamento automático, e é vista como uma forma de medir o nível de dificuldade da tarefa e, conseqüentemente, do esforço necessário para completar a tarefa. Assume-se que, quanto maior o esforço, mais árduo e complexo é o processamento, ou seja, maior a demanda cognitiva que o processamento da linguagem na tarefa em questão exige do falante.

Obviamente, nem todas as tarefas que medem tempo de reação de fato acessam processamento automático. Tarefas que avaliam, por exemplo, leitura automonitorada, nas quais o indivíduo é solicitado a ler frases inteiras, mas que aparecem segmentadas na tela, ou seja, uma palavra ou um grupo de palavras de cada vez, medem o tempo que o participante leva para ler cada palavra ou grupo de palavras. Essas são medidas *online* de processamento, e refletem processamento em tempo real. Por outro lado, procedimentos como julgamentos de gramaticalidade ou tarefas que requerem interpretação semântica, em que os participantes leem uma frase ou palavra e devem decidir se ela é ou não aceitável ou qual a interpretação mais apropriada em determinado contexto, são consideradas medidas *off-line* de processamento e não medem processamento automático.

O tempo de reação nas tarefas experimentais é normalmente medido através de um dispositivo conhecido como caixa de botões (*serial response box* ou, simplesmente, *button box*), acoplado ao computador que é utilizado para a aplicação das tarefas. Existem softwares específicos que podem ser usados para o desenho de experimentos que avaliam tempo de reação, sendo que os mais usados são o *E-Prime* (<http://www.pstnet.com/eprime.cfm>) e o *PsyScope* (<http://psy.cns.sissa.it/>), usado somente em computadores Apple Macintosh.

Um aspecto de grande valia para a pesquisa sobre processamento bilíngue tem sido o desenvolvimento de ferramentas de investigação mo-

dermas que possibilitam conhecer as bases neurocognitivas do processamento online como, por exemplo, o rastreamento ocular (*eye-tracking*), os potenciais relacionados a eventos (ERPs) e a ressonância magnética funcional (fMRI). O rastreamento ocular é uma técnica que consiste no monitoramento do movimento dos olhos do participante enquanto ele lê uma palavra, frases ou um texto, ou quando ele ouve uma palavra isolada e é solicitado a reconhecer a palavra ouvida, clicando em uma de quatro gravuras que aparecem na tela do computador (cujos nomes, por exemplo, apresentam semelhança fonológica com a palavra ouvida). Esses experimentos normalmente têm como objetivo avaliar se as duas línguas do bilíngue estão ativadas em paralelo através da fixação ocular do participante ao ouvir e escolher a figura correta.

Potenciais relacionados a eventos e a ressonância magnética funcional (fMRI) são medidas de reação cerebral a um estímulo sensorial, cognitivo ou motor. Trata-se de uma forma de investigar de que forma o conhecimento de duas línguas interfere no funcionamento cerebral quando o indivíduo desempenha uma tarefa em apenas uma das línguas que domina. Essas ferramentas da neurociência têm contribuindo de forma importante para um enfoque experimental informado pelos estudos sobre processamento cognitivo e sobre o funcionamento do cérebro, ampliando o enfoque linguístico que tradicionalmente caracterizou a pesquisa em processamento da linguagem e do bilinguismo por décadas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAKER, C. *Foundations of bilingual education and bilingualism*. 4 ed. Clevedon/ Avon: Multilingual Matters, 2006.

BLOOMFIELD, L. *Language*. London: Allen and Unwin, 1933.

CATTELL, J. The time taken up by cerebral operations, Part 3. *Mind*, v. 11, p. 377-392, 1886b.

_____. The time taken up by cerebral operations, Part 4. *Mind*, v. 11, p. 524-538, 1887.

_____. The time taken up by cerebral operations, Parts 1 & 2. *Mind*, v. 11, p. 220-242, 1886a.

CENOZ, J. The additive effect of bilingualism on third language acquisition: A review. *International Journal of Bilingualism*, v.7, p.71-87, 2003.

CENOZ, J.; JESSNER, U. (Eds). *English in Europe: The acquisition of a third language*. Clevedon: Multilingual Matters, 2000.

COLOMÉ, A. Lexical activation in bilinguals' speech production: Language-specific or language-independent? *Journal of Memory and Language*, v.45, p.721-736, 2001.

COOK, V. *The effects of the second language on the first*. London: Multilingual Matters, 2003.

COSTA, A.; CARAMAZZA, A.; SEBASTIÁN-GALLÉS, N. The cognate facilitation effect: Implications for the model of lexical access. *Journal of Experimental Psychology: Learning, Memory, and Cognition*, v.26, p.1283-1296, 2000.

FISHMAN, J. Varieties of ethnicity and varieties of language consciousness. In: DIL, A. (Ed.) *Language and socio-cultural change: Essays by J. Fishman*. Stanford: Stanford University Press, 1972.

GROSJEAN, F. Bilingualism: a short introduction. In: GROSJEAN, F.; LI, P. *The Psycholinguistics of Bilingualism*. Wiley-Blackwell, 2013.

_____. Studying bilinguals: Methodological and conceptual issues. *Bilingualism: Language and Cognition*, v.1, p.131-149, 1998.

_____. The bilingual as a competent but specific speaker-hearer. *Journal of Multilingual and Multicultural Development*, v. 6, p. 467-477, 1985.

_____. The bilingual individual. *Interpreting*, v.2, p. 163-187, 1997.

HAMMERS, J.; BLANC, M. *Bilingualism and bilingualism*. Cambridge: Cambridge University Press, 2000.

HERDINA, P; JESSNER, U. *A dynamic model of multilingualism: Perspectives of Change in Psycholinguistics*, Clevedon: Multilingual: Matters, 2002. 182 p.

KROLL, J. F.; BOBB, S. C.; WODNIECKA, Z. Language selectivity is the exception, not the rule: arguments against a fixed locus of language selection in bilingual speech. *Bilingualism: Language and Cognition*, v.9, p. 119–135, 2006.

KROLL, J. F.; de GROOT, A.M.B. (Eds.) *Handbook of Bilingualism: Psycholinguistic approaches*. New York: Oxford University Press, p. 268-281, 2005.

KROLL, J.F.; BIALYSTOK, E. Understanding the consequences of bilingualism for language processing and cognition. *Journal of Cognitive Psychology*, v. 25, p. 497-514, 2013.

MACKEY, W. The description of bilingualism. In: WEI, Li (Ed.) *The bilingualism reader*. London: Routledge, p. 26–54, 2000.

ORTEGA, L *Understanding Second Language Acquisition*. London: Hodder Education, 2009. 304 p.

RODRIGUEZ-FORNELLS, A.; VAN DER LUGT, A.; ROTTE, M.; BRITTI, B.; HEINZE, H. J.; MUNTE, T. F. Second language interferes with word production in fluent bilinguals: brain potential and functional imaging evidence. *Journal of Cognitive Neuroscience*, v.17, p. 422–433, 2005.

SAER, D. J. The Effects of bilingualism on intelligence. *British Journal of Psychology*, v. 14, p. 25-38, 1992.

WEINREICH, U. *Languages in contact: Findings and problems*. The Hague: Mouton, 1953.

WU, Y. J.; THIERRY, G. Investigating bilingual processing: the neglected role of language processing contexts. *Frontiers in Psychology*, v. 1, n. 158, p. 1-6, 2010.